

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 >
Brazil, semestre	700 >
Avulso	20 >

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILISAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

COMPANHIA DO OLHO VIVO

Fala o Dr. Afonso Costa, deputado e advogado da acção, no processo do paiz contra a monarchia.

Hinton, enterrado de vez nas côrtes, e tendo dado origem a mais notavel sessão registada nos fastos do parlamento portuguez, caindo, ferido de morte e atochado de lama e infamação, não é apenas um audacioso e insaciavel *escroc* sob a vara de bronze da justiça, é mais alguma couza que rue, pois que é um rejime que nas dobras da sua bolsa tomba tambem do alto dos seculos á voragem da morte miseravel e replinte. Peza a fatalidade historia sobre a corôa bragantina que D. Manoel II já mal susten, e tendo os seus dias contados, apossimando-se a hora fatidica do festim lugubre de *Balazar*, nem ao menos esse cetra e tantos reis cae ao seu coval egurando a dignidade e a nobrza, que na derrota reabilitam.

Na eterna transformação que é lei da vida morrer não é dezorozo, é até um espectáculo ginde e belo, se o que desce a degraus do tumulo pode, como *Bazard*, findar *sem medo e mácula*, ou, se como Francisco I, lhe é dado no limiar d futuro protestar que tudo se avendo perdido salva e imunicára a honra!...

Mas assim, embrulhada em negocio que aviltam, em fraquezas se enojam, em degradações se dezonram, marcada a ferrom braza pela verdade e pela justiça como o derradeiro, como mais vilão dos facinoras, aim, na verdade, é um nauzean morrer!

A nópropios nos humilha, a nós esmos, seus inimigos incurvais, nos rebaixa e nos enfraque.

Tristfim; e triste, negra, vilissim: hora a que vae correndo.

Não ltoriamos os factos, do dominiolo leitor, não os comentam, que de per si, na sua crue, eles são bem significativamente elucidativos, tão sómentequi queremos deixar arquivada a formidavel ezautoração e representam os documentos que Afonso Costa leu ao plamento uns excerpotos.

Precedel-os-hemos das palavras tão repassadas de solenidade, de grandeza e justiça com que o illustre republicano as apresentou; a linguagem e os documentos do notavel parlamentar são inseparaveis e ficam pertença da historia.

Eil-as:

Fala o deputado republicano Dr. Afonso Costa

Sente que em Portugal se inicia um periodo de fé e de civismo que caracteriza o começo da salvação dos povos.

Historiando os factos passados, diz que pedira a palavra sobre o projecto Hinton; tencionava falar ainda segunda vez e mostrar que nenhum homem de bem podia dar o seu voto ao projecto. E esperava que n'essa hora grave nem um só dos seus collegas se esqueceria dos seus deveres de homem e poriam, acima da chamada disciplina partidaria, o desejo de deixarem limpos os seus nomes de portuguezes e de homens de bem.

Os acontecimentos precipitaram-se, o projecto está morto, mas elle, orador, tem um dever a cumprir. Annunciou que tinha documentos gravissimos sobre esta delicadissima questão, prometeu que os leria á camara e vae cumprir a sua promessa, mais pela manifestação da camara do que pelo convite do sr. Antonio Cabral.

A hora é solemne, tudo lhe diz que chegou a hora das tremendas liquidações.

De todos os lados da camara se grita: «Venham os documentos», «leia os documentos», fale. Mais parece o desejo de se apurar toda a verdade, de se liquidarem todas as responsabilidades de que a simples curiosidade de saber do que tratam os documentos que possui.

Esses documentos que vae ler á camara provam que estamos perante uma engrenagem maldita em que o povo, a nacionalidade portugueza, sucumbirá se não surgir um d'esses feitos formidaveis que redimem e salvam os povos.

Esse feito é necessario, é indispensavel e urgente. A todos lembra n'esta hora grave que vale mais uma parcela de esforço para a salvação da patria do que o minimo passo para o mal.

Vae dizer tudo, mas sobre o que disser e ler reserva-se o direito de todos os commentarios. Usará esse direito sem reservas, sem subterfugios, sem rodeios, será implacavel. Adivinhou-o o governo, que não quiz vir á camara, praticando assim um acto de... cobardia? Talvez, mas não importa. O seu caminho está traçado, marcada a sua linha de conducta.

Sobre mil despachos, decretos, portarias, formou-se uma rede vil contra a nacionalidade portugueza e contra o povo; é uma rede d'arrastar em que vão interessados desde os mais altos funcionarios até aos baixos serventuarios do regimen.

Em tudo quanto vae dizer põe a afirmação da sua honra e da dignidade do seu nome. E' indispensavel ser sereno e vigoroso. Ha personagens amaldiçoados e vis que perseguem a nação portugueza. Começa a hora da liquidação.

Os documentos que ali tem mostram que se chegaram a mover as maiores influencias perante o chefe do Estado para resolver negocios escuros e particulares, dando-lhes o caracter legal quando apenas se tratava de vis questões de dinheiro.

Tem numerosos documentos que podem provar tudo quanto diz.

Por agora, só lerá os que se referem á questão Hinton. Só d'esses ficará depositario o sr. presidente da camara, para os enviar á comissão de inquerito. Porque esse inquerito é indispensavel, como se provará pela leitura que vae fazer. E' indispensavel um largo inquerito a toda a administração do Estado nos seus multiplos ramos, em toda a sua engrenagem; carecem de ser chamados a depôr quantos têm governado ou hajam sido cúmplices consciences ou inconsciences dos crimes da governação, para se fazer uma barreira tremenda e implacavel a todas as miserias que têm enxovalhado e enlameado a dignidade da patria.

Como adquiriu os documentos

Os documentos que vae entregar á presidencia da camara, são cartas que lhe não foram dirigidas. Carece de explicar, por consequencia, o motivo porque pôde usar d'ellas.

Esses documentos chegaram ao seu poder por intermedio do correio, vindo acompanhados de uma carta, simples, assignada por um anonimo, que o auctorisava a fazer d'elles o uso que entendesse.

Entendeu que na hora presente e perante a questão que se debate não podia guardar documentos que faziam intensa luz sobre essa mesma questão em que figuram por um lado os interesses de Hinton patrocinados por altos funcionarios do paço e por outro lado os interesses do paiz. Vae apresental-os, no uso de um direito, e mais do que isso, no cumprimento d'un dever patriótico.

Outra cousa que entende de dever esclarecer por forma a não deixar nem sobre de duvida no espirito d'aquelles que o ouvem e de toda a camara é quanto á genuinidade d'esses documentos, insistindo ainda e ao mesmo tempo na legitimidade do direito de usar d'elles, visto não ser o seu destinatario.

Se como advogado tivesse sido consultado sobre a questão ou questões de que n'elles se trata, podia ter rejeitado a defeza da causa mas não podia tambem e por forma nenhuma aproveitar-se do menor, do mais insignificante documento d'essa consulta. (*Vozes, apoiadol apoiadol!*)

Afirma pela sua honra, pelo futuro e pela felicidade de seus filhos, a toda a camara, a quantos os escutam, ao paiz inteiro que nunca ninguém o consultou para tratar da questão Hinton ou de qualquer dos assumptos de que nas cartas se fala. Na sua qualidade de deputado investigando os erros e os crimes do regimen e da sua administração é que lhe foram parar ás mãos muitos documentos tremendos que provam não só muitos d'esses erros.

Os que vae mandar para a meza sobre o caso Hinton foram lhe enviados pela forma que já disse, e foram-lhe enviados na sua qualidade de deputado da nação. Os outros guarda-os cuidadosamente e para isso tomou todas as precauções não só para o momento, como para o futuro.

Sabe o que pôde e deve fazer hoje e ninguém lhe arrancará uma palavra mais além do que se refere á questão Hinton.

O resto ha-de saber-se tambem, Portugal não morrerá, ha de viver enquanto houver homens dispostos a sacrificarem a vida e felicidade pela patria...

Um ponto de direito

As cartas que recebeu estavam abertas; não quebrou por consequencia sigilo algum. Mostra igualmente e perante a lei que embora esses documentos lhe não tivessem sido dirigidos podia usar d'elles porque os assignara um funcionario pago pelo Estado, podia usar d'estes documentos para juntar ao processo conforme auctorisam os Cod'gos. Serão juntas ao *dossier* já volumoso da questão Hinton em poder da comissão de inquerito. N'esse processo serão apurados erros e crimes cujos auctores serão julgados pela camara dos pares, aquelles que estiverem sujeitos a esse foro especial, pelos tribunaes communs os outros.

As cartas, alem de estarem abertas, tem todas as indicações de terem estado na mão do seu destinatario. Não as podia devolver a quem lh'as mandou porque ignorava o seu nome e morada; não as podia enviar ao seu destinatario, porque isso seria destruir as provas d'un crime. Ficou, portanto, com ellas e o caminho que tinha a seguir é aquelle que adoptou — entregal-as á presidencia da camara para que as envie á comissão de inquerito. Mas é necessario saber-se se a camara está disposta a alargar os poderes da comissão nomeada e perante a qual — afirma-o desde já — quer depôr. E' indispensavel que os seus poderes sejam augmentados, de forma a apurar não só quem foi o mau portuguez que levou ao ministro inglez uma parte do parecer da Procuradoria geral da corôa, favoravel a Hinton, como tambem as responsabilidades de todos quantos tem intervindo n'essa suja questão.

O advogado da nação junta documentos aos autos

Trata-se d'un processo gravissimo. Como advogado da nação manda juntar documentos aos autos para que sigam os tramites legais.

N'esses documentos ha a prova de responsabilidades graves e directas de uns e da esmagadora cumplicidade de outros. Todos devem ser ouvidos para se apurar até que grau vae a culpa de uns e de outros. Para evitar surpresas, vae dizer já que n'essas cartas ha nomes escriptos por extenso e ha outros indicados apenas por uma inicial. E' indispensavel apurar quem são essas pessoas de quem o auctor d'aquelles documentos cuidadosamente ocultou os nomes; serão talvez as mais comprometidas.

Tudo é necessario apurar, julgar tudo.

Acusam o partido republicano de caluniar e demolir, pois lembrem-se que foi o paço, da casa do rei, com as suas armas, o seu timbre, que saiu a suspeição de crimes contra uns, a prova de crimes contra outros.

Resta-lhe falar da autenticidade dos documentos da sua genuinidade.

Garante-a pela forma mais completa; afirmam-n'a e garantem-n'a a fé de auctoridades competentes e uma multidão de investigações. Mais do que isso: prova-se que todas as cartas são do punho do seu signatario.

Talvez que alguém considere essas cartas sem valor por não ferir de morte os seus inimigos; outros poderão consideral-as de somenos importancia, porque queriam acusações ainda mais formaes, ou porque as queriam de maior valor para a questão Hinton.

Qual foi o motivo que inicialmente originou a questão e acentuou os privilegios de Hinton? Foi o art. 13.º da lei de meios de 5 de outubro de 1904 e o decreto dictatorial de 24 de setembro do mesmo anno; pois as cartas mostram como e para que foi introduzido n'aquella lei o famoso artigo, como mostram e provam a causa dos despachos favoraveis aos interesses de Hinton por outros ministros.

As cartas mostram e provam que Hinton conseguiu tudo quanto quiz dos governos portuguezes, todos os favores dos governos partidarios como dos extra-partidarios e especialmente d'aquelle a que presidiu o sr. Campos Henriques. Intervieram no negocio altas influencias palatinas e intervieram por dinheiro porque lá se diz n'uma d'ellas: *se o negocio se conseguisse, ficavam os meus e os seus filhos bem governados.*

Mais negocios — De quem eram e a quem eram dirigidas as cartas

Nas cartas aparecem mais negocios, além do caso Hinton, como a prorrogação de uma concessão em Cassinga — que se conseguiu — como do caminho de ferro de Extremoz e outros. E toda a gente do paço e da alta politica se interessava n'estes negocios, desde o rei até ás damas da côrte.

Como disse, o signatario da carta occupava já no reinado de D. Carlos, como occupa no reinado de D. Manoel, um alto logar no paço. O seu nome será conhecido dentro em pouco. E que se salve quem puder.

E' necessario abalar o regimen de podridão e deshonra e trabalhar para a salvação da patria, que só pôde viver digna e livre com a Republica.

Vae ler as cartas:

As cartas

22 Abril, 1904.

Meu caro amigo:

Fallei hoje na estação com Paço e Pequeto a respeito de Hinton e Blandy e creio que hoje ou amanhã ficarão resolvidos esses assumptos. Bom será pistonar sem descanso o negocio do vapor de pesca, que, sem isso, receio nos possa fugir.

Envio a letra.

Hoje não posso ahi ir, porque vou sahir com El-Rei. A'manhã irei.

Amigo sincero,
Fernando.

Santo Amaro.

Azeitão, 26 julho, 1904.

Meu caro Machado:

Estou ancioso por noticias das nossas coisas e por ver ao menos

realizado um dos nossos negocios. Escrevi hoje ao Paço, por causa da verba necessaria para se terminar a estrada da minha quinta e pedia-lhe que resolvesse sem demora os nossos negocios, com o que elle tanto tinha a lucrar.

Fazia-me uma conta enorme arranjar com brevidade dinheiro para fazer uma surribo e poder plantar mais vinha no anno proximo e o tempo das surribas está a passar.

Calculo que B. deve estar a chegar. Os jornaes de hontem diziam que elle chegava no dia 29 Logo que saiba alguma boa noticia, não deixe de a dar por telegramma, porque estou em ancias por saber alguma cousa.

Hontem tive a boa noticia de ter ficado approved no exame do 5.º anno do Lyceu o meu filho Rodrigo. Venceu um barranco bem difficil.

Sempre teriam organizado a Companhia em Londres? Que bom que era isso resolvido já ou então as farinhas. Tive carta de Hinton de 12 do corrente, dizendo que ia para Londres com demora de umas semanas e que regressava em setembro por Lisboa. Pede para na lei de meios o ministro da fazenda incluir a clausula da prohibição de matricula a novas fabricas. Estando em Londres, seria boa occasião de lhe fazer um bom relatorio sobre Fernando Pó.

Quirino deve saber a «adresse» em Londres.

Amigo do coração,
Fernando.

Santo Amaro—Azeitão.

4. Setembro, 1904.

Meu caro Antonio Julio:

Acabo de receber a sua de hontem em papel da nossa Sociedade que me pareceu bem. Talvez um pouco grandes as letras principaes.

Não posso ir amanhã a Lisboa, porque tenho a visita das minhas cunhadas, operarios que mandei vir para umas obras e recepção de umas coisas que veem de Lisboa e quero eu mesmo entregar ao caseiro. Calculo que na quarta-feira irei ahí e se El-Rei embarcar já não voltarei, porque a minha familia tençõna ir para Cascaes no dia 10 ou 12.

Acho extraordinario nada se saber de Londres. Se vejo esse negocio terminado ainda me parecerá um sonho. Não ha mais nada do negocio de Serpa? Vou escrever a Simão Arouca, pedindo instantaneamente para dar o parecer sobre a questão das fabricas da Madeira, porque Hinton deve vir a Lisboa em meados d'este mez e confesso que tenho vergonha de o vêr sem lhe termos arranjado o que elle deseja.

Deus encaminhe bem o negocio do Caminho de Ferro de Extremoz. Sempre foi ideia minha que Herbert, com as suas relações, seria o homem para fazer o negocio; por isso lhe falei n'elle de preferencia a Mosers, que tem o seu nome gastado. O unico inconveniente, visto ser convidada uma casa franceza, é o malandrim Chapui, que se intervier talvez valha a pena Mattos e nós fazermos um sacrificio e dar-lhe alguma coisa a roer.

Lembranças aos socios e um bom abraço do seu amigo sincero.

Fernando.

25—Dezembro—1908.

D. Anna de Souza Coutinho de Mendonça.

Meu caro Antonio Julio.

Hontem por engano deixei-lhe a antiga morada das minhas cunhadas em vez da actual, que é na Rua de S. Filipe Nery, n.º 144, onde deve mandar o João com os sellos.

Em vista do que hontem lhe contei a respeito de emprestimo, etc., parece-me que para o negocio F. seria convenientissimo v. fallar a serio com Campos Henriques, que agora *todo lo manda*, e, no caso de elle estar disposto a fazer o que se

deseja, ir então fallar a valer com E., pondo bem os pontos nos ii, pois sem isso creio que nada se fará e, pelo contrario, feito isso tudo se poderá fazer. Esta soluçãõ da crise agradou-me muito. Como v. saba, não sou nem quero ser politico, mas, de todos os nossos politicos, o que mais me agrada é, fóra de duvida, o Campos Henriques, por quem tenho a maior estima e em quem reconheço qualidades de primeira ordem.

Elle está agora em posição de poder vir a ser um eminente vulto do reinado de D. Manuel II se souber manejar e manobrar. Com as qualidades que tem se poderá dominar o seu facciosismo e ser grande com os seus adversarios. Se quizer fazer governaçãõ e não fazer só politica.

Se conseguir fazer duas ou tres leis de cunho. Se fór conciliador, mas ao mesmo tempo energico. Será um grande homem. Deus queira que elle, vendo-se no ministerio do Reino e gostando tanto de mechericos politicos, não vá gastar todo o seu tempo n'isso, sem se importar com a verdadeira governaçãõ. Tem muito que fazer, mas duas ou tres coisas uteis para o Paiz que faça, será a sua consagraçãõ e verá crescerem as hostes do seu partido. Quando poderá, tenciono falar-lhe e dizer-lhe que tem todas as minhas sympathias e que o meu limitado prestimo está á sua disposiçãõ. Se pega na rabicha do arado com mão firme e bem orientada, grande será o sulco que abrirá no sólo e grande será a colheita no tempo proprio. Uma das suas tarefas tambem será o bem dispôr os seus futuros adversarios e escolher com boa seleçãõ os seus amigos. Se assim proceder, depois de todos se enaiparem, o seu jogo será seguro e ganhará pelos triumphos e pelo numero de cartas. De todo o ministerio, a pasta que reputo mais fraca é a desgraçada pasta da Marinha, que era bem digna de melhor sorte. Basta de politica, meu caro Antonio Julio. Já o tenho massado muito. Vamos aos nossos negocios.

Esta soluçãõ politica afigura-se-me ser a melhor possivel para a soluçãõ mais rapida da questão Hinton.

Segundo elle me disse, estará novamente em Lisboa nos primeiros dias de janeiro. Se o negocio Farinhas estivesse já estudado e cozinhado acho que seria optima occasiãõ de Hinton o mandar ao seu destino. O que se tem passado com os cambios e fundos e a soluçãõ politica decerto influem para uma melhoria mais accentuada ainda, e sabendo-se isso na America creio que seria optima occasiãõ de lançar o nosso negocio, que bem apresentado como irá e em occasiãõ de socego mais facilmente atrairá os capitaes precisos. Não lhe parece isto? Eu tenho grande fé n'esse negocio e estou quasi certo que se fará na America e não precisaremos de o tentar novamente na Europa. Feito elle estamos salvos e os nossos filhos bem governados. Palpita-me que o nosso bom momento chegou e que devemos aproveitar a aragem.

Não sei se V. Flor sempre irá a S. Thomé. Tambem será bom ouvir o Hygino e ver, se elle fór, se levaria consigo o homem que o grupo francez lá quizesse mandar para fazer um relatorio. Estou certo, pelo que ouço cá fóra, que o Marquez gostaria de se alijar do encargo da administraçãõ das suas propriedades. Se V. conseguisse falar com elle estou certo que o homem tomara resoluções mais rapidas. Acabo de saber que A. Cabral é o ministro da Marinha.

E' melhor do que o R. Curto e se não deixar dominar demasiadamente por Dias Costa não será mau. Com ajuda de Campos Henriques, creio que poderemos obter a desejada prorogaçãõ de Cassinga. Mãos á obra em quanto estão frescos. O que acho é progressistas de mais e regeneradores de menos, mas talvez seja boa diplomacia de Campos Henriques. Deus queira que Você consiga melhorar dos seus incommodos e enrijar para a lucta. Veja, meu caro Antonio Julio, se consegue saccar-me do Pinto, aquillo que

me deve e que me está fazendo grande falta. Elle creio que tem feito negocios e já ha muito tempo que devia de ter pago.

Se poderá, escreva-me para o Paço o que se fór passando e o seguimento dos nossos negocios. Se os titulos da minha cunhada ficarem promptos ámanhã, podem ser entregues ao Placido no mesmo dia, o que lhe facilitará a escripturaçãõ á cotaçãõ do dia. Emfim, V. lá sabe como ha-de fazer.

Para si e para todos os seus, festas felizes e um bom anno novo.

Amigo certo
Fernando

ECHOS DA SEMANA

Coiza no ar

Anda efetivamente, mas sem o sentido que lhe deu em tempos, aquele Alves Martins, bispo de Vizeu, padre liberal destemido e progressista de costela rija. Anda coiza no ar, isto é, na atmosfera e no empireo, e eco dessa coiza desconhecida, de quando em vez desce até aos abismos da nossa vista qualquer parcela da ignorada conjura. Tem vindo em forma de aerolitos, com grande pavor das nossas populações, e com grande fortuna dos *homens de bem e de carater* da monarchia—que felismente nos rejete.

Sim, porque dos aerolitos que tem caído não consta, ainda, que nenhum fizesse justiça, fazendo em torresmos as flutencias dos conselheiros de estado.

«Pão Nosso...»

Recebemos o 1.º numero d'este pampheto, devido á pena caustica e caracteristicamente vivida e original do illustre jornalista Padua Correa. E' o sumario do que insere: I—*Pamfletos e pamphletarios*. II—*Centenario d'um anteclerical*. III—*O caso das associações secretas*. IV—*Pae e filho ou filho de seu pae*. Deve ter o que sóz chamar-se «um successo de leitura» este vigoroso e belo pampheto, cujo oferecimento agradecemos, com as nossas felicitações ao jornalista de «A Voz Publica».

O santinho

O bispo de Beja, de quem o Ançã disse o que se sabe e o que não foi contestado, como é natural e justo é um dos grandes, um dos eminentes prelados, na boca devota do «Portugal» órgão illuminado pelas luzes do Espirito Santo e dirijido pelas leis divinas da *Monita Secreta*. Ora, falando desse prelado—honra das mitras catolicas—em letra grada d'entuziasmo, diz n'um dos ultimos numeros o órgão dos jezuitas: «Continua S. Ex.ª a sua vizita Pastoral. Grande manifestaçãõ de simpatia e carinhoza adezãõ á sua obra de justiça. Vivas ao intemerato bispo», e por ahí fora, n'um diapazãõ enternecidissimo, o «Portugal» põe o bispo no curucuto da lua. E' um santo, é um martir, é um puro: —d'aqui a uns centos anos hade ter altares nas igrejas e dia de guarda nas folhinhas, sendo assim padre Sebastião a historia de muitos santos que são patronos dos povos. Tudo se repete nesta bola sem compostura, e nas coizas de Deus como nas do mundo.

Homens de bem

Pela leitura das cartas de D. Fernando de Serpa provou-se aquillo de que ninguem tinha duvidas: a crapula da admnistraçãõ monarchica. Pois os politicos vizados na correspondencia e o proprio autor da correspondencia, perante o silencio de toda a jente levantam-se e, jesto largo, afirmam a um paiz que se sabia roubado e que acaba de conhecer docu-

mentos comprovativos do crime, que no seu passado e em todos os seus actos tem sido—homens de honra.

Ninguem lhes foi á mão.
Cebol!

Pasmozo

Na camara, quando Afonso Costa findou a leitura dos documentos que foram direitos ao peito da monarchia, tendo a palavra, um fulano Tavares—*franquista*—despejadamente, lembrou-se de falar no seu partido que saí a ilezo e triunfante da maré cheia de lama, e dos monarchas, que refuljam, inocentes como anjos, na montureira que lhes dezaba sobre o palacio.

Disse aquillo o representante do sinistro *malfetor*, no meio do silencio que enchia a sala da representaçãõ nacional, sem que nenhum deputado cortasse a lingua ao insolente burroide.

... Abobora!

Guerra Junqueiro

O grande poeta, na «Patria», publicou sob o titulo:—«A Ezeuçãõ d'uma quadrilha» umas colunas de magnifica proza dirijidas a um ex-official do ezercito que é um ex-republicano e um ex-homem. Muito bem, só não dizemos o mesmo de ter-se occupado d'aquella miseria, o autor dos «Simples» e da «Patria». Guerra Junqueiro—que demonio!—não é nenhum desconhecido...

ARA

Pelos prazeres passados
desconfio dos presentes,
porque nunca vi contentes
senão os desconfiados;
o que por menos segura
tem a vida e o prazer,
tem o tempo e a ventura
sujeitos a seu querer.

Nunca puz minha firmeza
em nenhum prazer mundano,
porque a propria natureza
dá de si o dezançano,
e quem por menos segura
tem a vida e o prazer,
tem mais sujeita a ventura
para tudo o que quizer.

Bernardim Ribeiro.

DEFEZA NACIONAL

Muito tempo, foi costume do nosso parlamento de fancia não se discutirem os projectos de tudo quanto respeitasse ás forças militares portuguezas de terra e mar. Os ministros da guerra mandavam á Camara as suas propostas, o ministro da fazenda lá inscrevia no orçamento jeral do estado as verbas pedidas pelos collegas, e ninguem se dava ao cuidado de averiguar onde e de que modo existia a força armada, como e porquê se gastava o que ella nos ia arrancar ao sacco roto do orçamento.

Quebrou este *far-niente* praxista a entrada dos republicanos no parlamento; apezar de todas as recommendações e ordens reaes, apezar de todo o zelo e provada boa vontade dos ministros do reino, apezar das leis eleitoraes *ad odium*, a vontade popular acabára por impôr-se, e rompendo a muralha da china das burlas e das violencias levára ás côrtes os deputados que a representam e honram, esses mesmos que achando muito comodo o sistema da não discussãõ, energicamente o arrumaram de si, discutindo e forçando os outros... a discutir.

Foi Brito Camacho quem, honrada e corajosamente pôz hombros á empreza, talvez com jeral escandalo da maioria dos colegas, mas, sem duvida, com liza e patriótica intençãõ e com inegavel e seguro prestimo; pois que, se não conseguiu transformar o processo de garantir-se a defeza do paiz, ao menos, conseguiu acabar com

a immoralidade e cumulo parlamento votar de uma assada os credits militares, sem qrer saber e sem querer tratado assunto. E' uma das coizas que serviços deve o parlame: á minoria republicana, sempre brecha, denodada e inquietavelmente, sempre, a postorira defezãõ dos interesses nonaes, dando prestijo ao parlento e pugnando sempre por l manter:—alto, inatacavel, into.

Mas vamos lá.

Este ano a proposta vernalmental da ficçaõ das fias militares foi discutida, postam inteliencia, dita com veidade, por deputados monarchas, deputados que, alguns, te a especial competencia de tence-rem á familia militar. Pouco notada, provavelmente, que, para passar quaze dezaçebida não sómente concorrê arcunstancia de o espirito plico se dezinteressar do proble, mas, tambem porque, nestessãõ, ocorreu o facto de coinc: para as atenções com a sobevante, apaixonada, e capital uestãõ Hinton.

Portugal não tem deã assegurada nem pela fronteirterrestre nem pela maritimorquer: A,—não pôde mobiliza forças reaes de combate; B, porque não ha material de guermoderno, abundante, eficaz, roprio; C,—porque além de nãoossuir forças militares *de facto*, cu instruçãõ militar, e além de nipoossuir material de guerra q seja digno de tal classificaçãõalém disso, pela fronteira da Eanha não tem um sistema de fificações efficientes e aptas parintervirem de apoio ou baze deperações, e pela fronteira do n não possui um unico barco de terra proprio para combater.

A esta conclusãõ se egou, embora tentasse o snr. nistro da guerra atenuar o efeito taes quocientes invocando... palavras, palavras, palavras.

Não temos defeza nacional: já se sabia, e não é d'agora, ismo, que militares nossos, diata e altamente colocados o amam, corroborando a opinãõ civis *ignorantes e atrevidos* ara os quaes o ezercito não é udogma indescutivel e um arti de fé, mas se não temos assurada a defeza nacional, valha-ni ao menos, a consolaçãõ de ue nos custam um encargo anude treze mil contos de reis o ercito e a marinha.

E' bastante, e é pa a jente ficar inteirado e satisfetnãõ devamos sêr ezijentes...

Na Suissa, e vezes vias, aqui temos referido o que lá e o que lá custa o serviço miar, com bem menor dispendio, b é, com bem notavel economia, nseguiu-se garantir a defeza doaz.

A republica helvetica de mobilizar n'um mez duntos mil soldados com uma sorba instruçãõ militar, com um admiravel preparaçãõ para ferem valer o seu numero, o s esforço, os seus recursos, e tod as facilidades e toda a superiidade que lhes proporciona o factde serem do paiz e estarem denti dele defendendo-o. Esses soldados, que em manobras foram jto titulo de admiraçãõ para entãidos alemães, francezes e ingles, teem a completar o seu llor uma equipajem de artilheriaque nada tem que invejar á s nações mais poderozas e couznenhuma falta para garantir a eficia e poder da sua açãõ.

Outro ezemplo do e é a defeza nacional e dos çados, interesse, inteliencia, co que esse problema fundamentase trata, dá-n'ol-o a nossa taconhecida republica do Brazil. á organizam-se num vasto plar, ordenado com acuidade, co conhecido e honestidade as forças militares, gasta-se dieiro, sem duvida, mas não seesperdiça, não se dezaproveita.

Basta citar a podera marinha de guerra que torna rte e res-

peida a nação brasileira, que, intente e sensatamente vive e proude, dispond' para sua segurança d'aquilo com que se compra os melões da paz—que é semre a força.

Ns...
No falemos mais tempo de cois tristes.

CRONICA

Estamos chegados ao tempo, leires e amigos, em que a brulha a gueira, e como dizia João de Des, em linguagem canora, em a figeira abrolhando perto vem o esb.

erto não, mas em pessoa, ti-verol-o já a semana que passou, talz apressando o calor este setadvento á «ocidental praia luzitna» movido da curiosidade de vêo Hinton e satelites, que, como fêmeno, entre os cazos celebres da humanidade é do mais retumbante que se imagine. Isto diga-se de assagem, pois que do habilidoso, seguro inglez, n'outra parte e otro eu desta folha, se hade enarregar por decerto.

im de abril e meado da primavera, está-nos á porta maio galante om a sua festa dos trabalhados—uma reclamação da Mizeriana hora de galas, na hora espladida da natureza!—está-nos á pta com as suas flores, as suas letas e preconceitos amenos, e, como a vida não é um romance alegre lido á sombra de olaias, á bea de aves cantando e de agas da fonte correndo, como a via é assimilação, renovamento: —abalho; a estas horas, por ahi, quer nas plantas, quer na larva, quer nos ninhos e quer no homem, va uma azafama vivissima de oheiros ativos e previdentes.

Estamos chegados ao tempo, lepres e amigos, em que a terra é um laboratorio onde por uma alquimia desconhecida, por um processus de privilegio, se está fazendo a sintheze do pão que será doirado trigo, da uva que será vermelho e sagrado vinho: o pão e o vinho simbolicos que não h'raça de teologia, e familia nem uma de povo humano que se dipensem de ter na arca e no fono, no piparote e no pichel novo. Estamos chegados ao tempo em que o pilriteiro dá pilritos e é azuada, a pobre espinhoza, pelos superficials e pelos boques, de «manca dar coisa boa»—como se havesse couza mais alada, mais gracil, mais jenerosa, melhor, que a kuvem de flores jentilissimas de que o pilriteiro se enfeita nas suas nupcias com a agua e o sol.

Ainda não viram?...
Topa-se ahi nos valados, pelos sitios que as flores fidalgas e as pesosas de tom desdenham.

Acachapada, plebleia, humilde —nal sãe do razo dos cônoros que defende com os espinhos—; a pobre, a desprezada, a infima plata, quando as aguas de abril a hvam, e quando o sol lhe beija as raizes transfigura-se e sublimase. Não ha saliencia, ramo, abrolho, espinho, que não tenham flores e umas flores deslumbrantes, fazendo um todo perfeito, uma harmonia admiravel; uma alma e um pensamento de beleza e nudez suavissimas, que só se encontram, e só se admiram nas minhas queridas flores do pilriteiro, á borda dos vales chorando o abandono dos homens e o desdem das mulheres.

Ainda não viram; palavra?...
Estamos chegados ao tempo, leitores e amigos, das romarias ao campo, para saudar as arvores, dar os bons parabens ás flores, aspirar defazogadamente os perfums, recolher, relijiozamente, as canções do melro, e as elejias, a mizica torturada e inexcedível e inexpremível, do rouxinol.

O que nós somos é uma malta bizoia, sem gosto, sem leveza, d'olhos no chão a buscar moedas de sobre quando no ceo e nos

ramos, quando na gôta de orvalho e nas lavouras fuljem tezouros sem conta—que basta olhar... para os possuir. O japonês—aquela jente de apuradissima estezia e delicadissimo gôsto de viver—emigra, desloca-se em massa só para vêr as primeiras flores da macieira, os novos cachos floridos da cerejeira, e para se ensemismar de Belo Eterno fitando, no maravilhamento dos olhos e da alma, as amendoeiras em flor: —bouquets prodijios, d'uma neve inocente e afavel.

Nós, ao sair-se da toca, apoz as bestialidades do inverno que se esgueira, mudamos, afinal:—continuamos em casa. E' o passeio pelas ruas sornas, por entre a fila aggressiva dos predios; é o cavaco nas estações de má lingua e bisbolhetice, é sempre o luzio sobre a mulher, vista como femea sem mais funções que as de objecto secsual, olhada apenas, animalmente, com a mentalidade, o sentimento, a expressão que nos repugnariam, por repelente, se a vissemos num cafe ou n'um bosquimano.

Leitores, amigos, estamos no tempo em que a enxada reluz, manejada por mãos calozas na faina dura das cavas, leitores, amigos, sigamos o conselho que nos é dado por um pelen em musculatura: «temos bom corpo irmãos, vamos cavar».

Cavar, imprimir cronicas na matriz da terra, que, alem de inutilidade, passa a desvergonha maior da marca gastarmos o tempo em parola e em rabiscanços, quando estamos no tempo de semear; isto é, quando os nossos braços, os nossos olhos, as nossas pernas, são reclamados pela Vida que brada por nós, que quer ser nós mesmos.

Outra especie de cronicas...
Outra fadiga, outro ver...

Minusculus.

ARTE & LETRAS

O INTERMEZZO

(Tradução livre)

XI

Tu não me amas, sim, não me amas: não é isso o que me entristece; contanto que eu possa fitar e absorver os teus olhos contente como um rei.

Tu vaes odiar-me, tu odeias-me, agora, essa tua rozada boca o está dizendo. Cola a tua boca rozada á revoada dos meus beijos e eu ficarei consolado.

XII

O! não venhas com juramentos e abraça-me unicamente, pois que não serei tão simplorio que acredite em juras de mulheres. E' doce a tua palavra mas bem mais doce é o beijo que te roubei: possuo-o e penso, afinal, que a palavra não passa d'um sopro vão.

O! jura, minha bem amada, faz juras eternamente. Acredito-te, fala por fala, abandono-me tombando sobre o teu seio, onde credulamente imagino que sou feliz; eu creio, minha adorada, que me adoras por toda a eternidade, e, depois, por muito mais tempo.

XIII

Fiz as mais belas canções pelos olhos da minha amada, pela sua boca de pequenina fiz os mais lindos tercetos, sim, pelos olhos da minha amada fiz as estancias mais magnificas.

E se a minha bem amada tivesse um coração no seu peito, pelo seu coração eu teria feito algum formozo soneto.

XIV

O mundo, é cego, é estúpido o mundo, e absurdo cada vez mais: ele diz de ti, amorzinho, que não tens um carater puro.

O mundo é estúpido, o mundo, não o duvides, é cego, ele desco-nhecer-te ha perpetuamente: ó! não sabe quanto os teus abraços fazem estremecer de ventura, ó! ignora quanto os teus beijos são ardentes e inesqueciveis.

XV

Minha querida, hoje é forçoço que mo confesses: serás tu uma das vizões que nos dias esbrazeantes do estio saem, idealizadas, da cerebração do poeta?

Mas não: tão pequenina e tão linda boca, uns olhos tão encantadores, tão formosa e gracil creança o poeta não o concebe, ahi o pobre cerebro não cria assim.

Baziliscos, vampiros, dragões, toda a fauna dos monstros, os fabulozos e vilões abortos a imaginação do poeta tem força para os crear.

Mas a ti, á tua amavel malicia, ao teu formozissimo rosto, aos teus perfidos olhos tão doces, o poeta—pobre e dezafeitado creador—não dá vida, não dá sorriso, um Deus que fosse o poeta cuja imaginação nunca te creou.

Henrique Heine.

Logares selectos

Mas,—perguntar-me ha—pôde rasoavelmente esperar-se que haja um d'esses governos a que estamos habituados, com energia e vontade sufficientes para emprehender commettimento de tal ordem? Deve fazer-se n'este ponto uma distincção essencial.

Hoje, sem duvida, do gremio de qualquer das facções que disputam entre si a ponta da corda que va arrastando para futuro incerto, o corpo enfermo do Estado, não devemos esperar que saia um governo capaz de reduzir o debate entre o liberalismo e a reacção a estes simples termos. Todas ellas dependem, até certo ponto, do cura na questão eleitoral, questão suprema e talvez unica das facções, instinto de vida que é desculpavel. Ora o cura é o «servus a mandatis» do bispo, como o bispo é o «servus a mandatis» do papa, ou para fallar com mais exactidão, do geral da Companhia. Depois ha aqui, alli, não se sabe bem onde, o jesuita; o jesuita que se encontra e sente, sem se vêr, em toda a parte, desde os paços até á taberna; o jesuita que veste gentilmente a farda bordada ou a farda lisa, a casaca ou o paletot, a bica, a loba, preta, roxa encarnada, ou a grosseira jaqueta do operario; o jesuita, que, se cumpre, é mais impio que Voltaire ou mais fanatico do que Pedro d'Arbúes e Torquemada; que é absolutista, democrata, socialista, comunista, se a ordem de S. Ignacio interessa com isso; que seria até liberal, d'aquelles celebres liberaes do Syllabus, se hypothese tão abominavel fosse admissivel.

Ora o jesuita pôde vigiar a urna, morigerar a urna, penitenciar a urna.

E' pois necessario ao homem d'estado (talvez conheça o typo nacional d'essa especie), manter-se em certa altura para não adinvinhar o jesuita, para não crer na existencia do jesuita, d'essa singular invenção de certos visionarios. Precisa a patria de que a jerarchia ecclesiastica e a congregação não venham, irritadas, oppôr o seu voto, a sua preponderancia, ás benevolencias da urna. Eis porque é impossivel, por emquanto, travar seriamente a lucta em chão firme.

Deixe gritar contra a reacção. Puro formulario. Bem como a responsabilidade ministerial o epitheto de reaccionario não significa nada, na linguagem dos homens d'estado.

Alexandre Herculano.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Tem passado incommodada de saúde, achando-se agora felizmente melhor, a ex.^{ma} snr.^a D. Irene Umbelina Ferraz Chaves, mãe do nosso prestimoso amigo dr. Pedro Chaves.

De sejamos o completo restabelecimento da illustre enferma.

—No hospital da Lapa, do Porto, onde foi procurar lenitivo para os seus padecimentos, continua gravemente enfermo o snr. José Maria Pereira dos Santos, antigo commerciante n'esta praça.

—De regresso do Pará, chegou no preterito domingo a esta villa, o nosso conterraneo snr. Manoel Maria de Souza Ribeiro.

Os nossos cumprimentos de boas-vindas.

—Vieram passar a esta villa as férias do centenario de Herculano, regressando novamente a Coimbra no domingo proximo, os academicos nossos conterraneos Antonio Zagallos dos Santos, Anthero Cardoso e Antonio Santiago.

—Partiu segunda-feira para Lisboa, com destino ao Pará, o snr. José Fernandes da Graça.
Feliz viagem e prosperidades.

Contribuições

Termina no dia 30 d'este mez o praso para o pagamento voluntario, n'este concelho, das contribuições geraes do Estado, respeitantes ao anno de 1909.

Saboardia Aurora

Participa-nos de Villa Nova de Gaya o snr. Amadeu Maria Martins, antigo gerente da fabrica de conservas «A Varina», que por escriptura com data de 20 do corrente, lavrada pelo notario d'aquella villa, Leal Junior, dissolveu, de commum accordo, a sociedade que tinha com o sr. Armando Cardoso Lopes e que girava sob a razão social de Amadeu & Cardoso, ficando a cargo d'aquelle todo o activo e passivo da extincta firma, o qual continuará, debaixo do seu nome individual, com a exploração da mesma industria sob a antiga denominação de «Saboardia Aurora»
Prosperidades ao arrojado industrial.

Julgamento

No tribunal da comarca concluiu no dia 21 o julgamento dos reus Manoel d'Almeida e Sá, Antonio d'Almeida e Sá, ambos do Salgueiral de Cima, e Manoel Duarte da Silva Cova, de Cimo de Villa, accusados pelo crime de aggressão praticada nas pessoas de Manoel Rodrigues Lopes e Manoel Lopes d'Oliveira, o Griz, do Sobral, na celebre esfolhada de musica em Cimo de Villa, na noite de 23 de outubro ultimo, de de cujo facto demos então largo relato e por via do qual sustentamos polemica com o Jornal d'Ovar, por arguirmos mui justamente o snr. Administrador do concelho de proteger a bem da sua politica os delinquentes, seus visinhos.

Chegou-se quasi a afirmar que os indigitados aggressores eram uns innocentes.

Aguardavamos exactamente o julgamento para provar ao Jornal d'Ovar que a innocencia dos que tinham as boas graças do sr. administrador foi galardoadas com 18 mezes de prisão correccional, 3 de multa, sellos e custas do processo.

No entanto o facto da protecção do sr. Administrador subsiste como subsiste a do caso de Guilhovae.

José Ramos

Este nosso prestante correligionario e estimado amigo, do Prin-

cipe, onde se encontra, enviou á Direcção do Centro Escolar republicano de Ovar, 5\$000 reis, como donativo a favor da escola que o centro sustenta.

Ausente, o bello coração do nosso patricio não se esquece da sua terra e d'aquelles dos seus conterraneos que modesta mas utilmente trabalham pela boa causa—tão precisada de defensores e de generosos, intelligentes animos.

O seu offerecimento, pois, sensibilisa-nos e enche-nos d'uma alegria compensadora de enfados e de desanimos.

Cartilha do Povo

Do nosso correligionario, o snr. Luiz d'Azevedo Sá, recebemos, offerecido á redacção d'este jornal, para distribuição ao povo, um pacote de Cartilhas do Povo, do grande e inolvidavel José Falcão.

Agradecemos a lembrança que deveras nos penhora, e com o maior prazer vamos espalhal-as, que é colheita segura.

Livros offerecidos para a Bibliotheca Escolar

Livraria Lopes & C.^a, rua do Almada, 123—Porto:

«O seculo 19 em face da consciencia e da igreja»—P.^o Roux.

«O matrimonio christão»—M.^o Dapanloup.

«Historia pittoresca»—Alfredo Campos.

«Realidades e phantasmas»—V.^o de Benalcanfôr.

«Tradições populares de Portugal»—J. Leite de Vasconcellos.

«Rudimentos d'istoria patria»—J. Victorino Ribeiro.

«A guerra franco-allema»—Brochett.

«O papa e a liberdade»—P.^o Constant.

«Noções d'hygiene»—Anthero de Sá.

«A Rosa do Adro»—Manoel Maria Rodrigues.

Ex.^o Snr. José Ramos Coelho

os seus livros:

Historia do Infante D. Duarte, 2 vol.

«Lampejos», (poesias).

«Cambiantes», (poesias).

«Reflexos», (poesias).

«Poesias».

Ex.^o Sar. Adriano A. Pina

Vidal os seus livros:

«Tratado elementar d'optica».

«Elementos de geometria plana».

«Appendice dos elementos de geometria».

«Principios de physica», (1.^a parte).

«Elementos de chymica», (2.^a parte).

«Noções de cosmographia elementar».

«Navegação interior», (3.^a parte).

«Curso de pyrotechnia».

«Trabalhos maritimos».

«Pharoes».

«Pontes».

«Electricidade».

Ex.^o Snr. Dr. Antonio J. Sá e Oliveira:

«Boletins da Direcção Geral d'Instrucção publica de 1902 a 1905» 10 volumes.

Livraria Bertrand—Lisboa:

«Iu-litsú»—Irving Haucok.

«O meu systema»—J. P. Muller.

Ex.^o Snr. Antonio Zagallos dos Santos:

«El Inocente»—Gabriel d'Annunzio.

«O Marquez de Pombal»—D. Miguel Souto-Mayor.

«O genio do Mal»—Arnaldo Gana—4 volumes.

Livraria Chardron, de Lello & Irmão—Carmelitas, Porto:

«O Anti-Christo»—Ernesto Renan.

«Religião e evolução»—Ernesto Haechel.

«O Monismo»—Ernesto Haechel.

«Origem do homem»—Ernesto Haechel.

